

'MULHER PODE TUDO!' MEMÓRIAS DO NADAR CONTRA A CORRENTEZA EM MAR ABERTO: ESPORTE, EDUCAÇÃO E RELAÇÕES DE GÊNERO*

Maria Cecilia de Paula Silva¹

cecilipaula@gmail.com

Lygia Maria dos Santos Bahia²

lygia.bahia@hotmail.com

¹**Universidade Federal da Bahia (UFBA)**

²**Centro Universitário Regional do Brasil (UNIRB)**

RESUMO

Narrativas de uma mulher na natação em mar aberto analisando relações de gênero e determinantes sociais da educação nos 1950. História oral temática e memórias da Travessia Mar Grande-Salvador. Importa sentidos e significados da experiência e mudanças às posições históricas na educação de homens e mulheres. Lembranças de tensões na lógica educativa hegemônica e insurgência de outra inscrição no corpo feminino, potencial ruptura de lógicas opressivas na educação das mulheres e sociedade.

PALAVRAS-CHAVE

natação em mar aberto; educação de mulheres; relações de gênero

MULHERES AO MAR

Este artigo analisa as relações entre a prova de natação em mar aberto, as relações de gênero e a instituição de lugares determinados às mulheres pela educação durante os anos 1950 por meio de memórias e narrativas. Discute o esporte competitivo e a participação irreverente de mulheres em lugares e ações historicamente definidos como lugares e ações apropriadas aos homens, possíveis 'iluminuras disruptivas' em lógicas sociais hegemônicas, no que se refere à educação das mulheres e relações de gênero. Em específico, objetiva mergulhar nas lembranças da primeira mulher a se desafiar a participar de uma travessia em mar aberto nas águas da Baía de Todos os Santos, a Travessia Mar Grande-Salvador; os sentidos e significados que essa experiência representou para a sua educação. Desdobramento de uma pesquisa de mestrado. A carência de pesquisas históricas que tratam de experiência esportiva de mulheres, natação em mar aberto e educação, confere singularidade e relevância para o debate sobre relações de gênero, esporte e

* O presente trabalho (não) contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.



educação de mulheres. Esta pesquisa sobre memórias de Angela Maria Carvalho² teve o intuito de, a partir das lembranças de sua participação na Travessia Mar Grande-Salvador (2^a edição) em 1956, registrar esta experiência e aprendizados que dela emergiram na educação e na vida.

A metodologia utilizada foi a história oral temática que, segundo Rousso (2001), propicia a escuta de si e dos outros, o que confere aos entrevistados a possibilidade de se aperceberem da importância da experiência para as suas vidas. A escolha da depoente seguiu o critério da consideração de seu papel social para a pesquisa (MEIHY, 2005) e lançamos mão de depoimentos, narrativas e entrevista semiestruturada, apoiando-nos na análise de conteúdo de Verón (1980) para dialogarmos com as memórias da nadadora. Chauí (1994, p. 18) entende este rememorar como possibilidade de ser e não como o simples lembrar o que foi “não é coisa revista por nosso olhar, nem é uma ideia inspecionada por nosso espírito – é alargamento das fronteiras do presente”.

MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIA: O CORPO CUNHADO NA NATAÇÃO EM MAR ABERTO

A Travessia Mar Grande-Salvador é uma competição realizada na Baía de Todos os Santos, em Salvador/BA, e por isso considerada uma prova em mar aberto ou de águas abertas, com distância aproximada de 10 km em linha reta. Em 1956, um ano após a sua criação, registra-se a primeira participação feminina, a de Angela Maria Carvalho (BAHIA, 2017). Sobre a sua história com a Travessia Mar Grande-Salvador conta: “eu tenho mania de ser a primeira a fazer, eu sempre estive a frente do meu tempo porque eu acho que a mulher pode tudo embora seja contra o movimento feminista, eu acho que a mulher pode tudo [...] em 1955 foi feita a primeira Travessia, aí eu disse, bom! Mulher pode também [...] aí eu me inscrevi e fui”.

Apresentar as narrativas advindas das lembranças de Angela sobre o acontecimento evidencia a possibilidade de observar as diversas posições assumidas pelas mulheres na educação à época. Alcançar o mar, participar do esporte e competir, eis o desafio da nadadora. “Eu acho muito importante a presença da mulher no esporte [...] a mulher tem condição de fazer qualquer esporte [...] é muito importante pra mulher se sentir capaz, porque a mulher é criada para ser inferior, né?”. Ao rememorar a experiência do esporte que a tocou, Angela reflete sobre a educação das mulheres e a perversa e histórica ‘naturalização’ das mesmas como inferiores e incapazes, se comparadas aos homens. Com isso, Angela, ascende e descoloniza o pensamento hegemônico na educação das mulheres nos anos 1950, de que elas são impedidas de projetar e experimentar o que desejarem.

Para Bahia (2017) “o determinismo biológico talvez tenha sido o mais contundente e perverso argumento para educar as mulheres como um ser ‘inferior por natureza’, o que tem gerado desigualdades sociais. Já Louro (1987) afirma que para se compreender o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade é importante estar atento não exatamente para seus sexos, mas para o que se construiu socialmente sobre eles.

As narrativas de Angela são acompanhadas de conhecimentos e reflexões que anunciam opiniões, valores, cosmologias. O ato de narrar, para Bosi (1994, p.88) “não visa a transmitir o ‘em si’ do acontecido, ela o tece até atingir uma forma boa. Investe sobre o objeto e o transforma”. Importa destacar o lugar da narradora como representante de uma comunidade de pertença que influencia o estilo narrativo e o comentário sobre o narrado. A forma como a narradora anuncia as narrativas das narrativas sociais é relevante. Para Chauí (1994, p.26), necessário atentar ao “modo pelo qual o sujeito vai misturando na sua narrativa memorialista a marcação pessoal dos fatos com a estilização das pessoas e situações e, aqui e ali, a crítica da própria ideologia”, não sendo muito significativo possíveis contradições.

Atravessar o mar entre Mar Grande e Salvador, enfrentar correntezas e marés e tornar este acontecimento público e notório oportunizou a narradora experimentar outros lugares e desafios, anteriormente negados às mulheres. Marcas que incitam, à época, alterações necessárias como, por exemplo, mudança no modelo de corpo feminino padrão, mudanças na postura e na interação social, rompimento de barreiras em relação às permissões, lugares e modalidades esportivas. E, possivelmente, redimensiona a compreensão de si e da vida.

2 Entrevista realizada em fevereiro de 2017.



Da experiência de ter participado da prova emergem diferentes sentidos e significados, expressos pelas reflexões de Angela, baseada em suas memórias. “Então, a Mar Grande – Salvador teve muita influência na minha vida, na minha formação, no meu conhecimento, no meu comportamento”. Esta rememoração anuncia a importância desta experiência para mudanças na lógica à época, dos papéis masculinos e femininos, inaugurando quiçá, o alargamento dos limites estabelecidos para o feminino. E continua, “a Travessia, pra mim, foi muito importante, porque fui muito homenageada, passei a ser ‘Angela Maria Carvalho’, porque todo mundo, até fora da Bahia, conhecia Angela por causa da Travessia Mar Grande-Salvador [...]”. Essa narrativa aponta como o reconhecimento social e a repercussão do seu feito, provoca na depoente um sentimento de importância e auto-valorização, haja visto que na sociedade o protagonismo é prioritariamente conferido aos homens.

“Pra mim é muito bom, porque eu não me sinto heroína, mas acho que foi muito importante e outras vieram atrás de mim”. Angela atribui significado à sua experiência, de abrir caminhos e de contribuir para a quebra de paradigmas, de inspirar outras mulheres a repensarem o seu papel social e conquistarem outros espaços na sociedade. Estas memórias apresentam uma consciência de seu pioneirismo para as mulheres ao afirmar que, mesmo sendo chamada a heroína da Travessia, não se considera como tal. Como faculdade épica, a memória recria, a cada lembrança, uma nova história.

Sobre as resistências, relembra: “teve muita gente que duvidou, inclusive, mulheres. Achavam que eu não ia fazer, que mulher não podia fazer”. Esta concepção advém da educação ofertada para as mulheres que imprimia esta lógica de impotência, de incapacidade diante do novo e ligava esta inferioridade à natureza humana do ser feminino, ao corpo das mulheres. Quando afirma “antigamente as mulheres eram muito dona de casa, as moças eram criadas bordando, tocando piano, eu aprendi, eu sei bordar e sei tocar piano, eu sei tudo, mas eu também sei nadar [...], deixa claro o lugar das mulheres na década de 1950, lugar que também ocupava, mas demonstra a sua ousadia em conquistar outros lugares.

Nas aprendizagens da natação em mar aberto, entre ondas e correntezas, Angela explicita o que o mar a ensinou. A romper e ampliar fronteiras, a não esmorecer, a conquistar outro lugar diferente do que a educação hegemônica à época determinava, a do lugar de subalternidade para as mulheres. Ao narrar suas lembranças ela rememora e amplia as fronteiras da prova de nadar contra correnteza, no mar aberto, e contracorrente na vida. E Angela, de certa maneira, viveu contra a corrente de uma imposição social, que afirmava que mulher não podia nada. E, contrariando a ideologia dominante à época, afirma: mulher pode tudo!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo pretendeu dialogar sobre as possibilidades de, por meio das narrativas e rememorações de mulheres explicitar rupturas na lógica social hegemônica historicamente forjada pela educação, de permissões, proibições, interdições para as mulheres, colocando-as em posição de subalternidade em relação aos homens. De lugares e práticas esportivas para as mulheres e que busca forjar para elas uma educação para ocupar um lugar subalterno na sociedade.

Evidencia-se que, por meio da natação em mar aberto, nos anos de 1950, mulheres como Angela possibilitaram a construção de espaços e tempos de transgressão, conquistas e procedimentos que romperam uma lógica hegemônica na educação das mulheres e nas relações de gênero que superaram o lugar historicamente determinado para a mulher na sociedade e no esporte. Ao iniciar-se na prova ‘Travessia Mar Grande-Salvador’, Angela possibilitou estabelecer outro lugar para as mulheres, no esporte e na sociedade, demonstrou conquistas e interesses que superaram a posição das mulheres àquela época, ao estabelecer representações contrárias à lógica social predominante e criar obstáculos resistentes à intervenção da educação que definia pela educação, uma posição de subalternidade para as mulheres.

A partir das memórias da experiência de mulheres na prova de natação em mar aberto podemos inferir os sentidos e significados da afirmação de Angela de que mulheres podem tudo!, bem como a



importância desta compreensão para a organização de uma outra perspectiva que amplie a inscrição do corpo esportivo como potência positiva para romper lógicas opressivas nas relações de gênero, na educação das mulheres e na ideologia hegemônica da sociedade. E podem sinalizar outras possibilidades na elaboração de uma educação transformadora.

'WOMAN CAN EVERYTHING!', MEMORIES OF SWIMMING AGAINST RUNNING IN OPEN SEA: SPORTS, EDUCATION, AND GENDER RELATIONSHIPS

ABSTRACT

It analyzes the narratives of a woman in open water swimming, gender relations and social determinants of education in the 1950s. Thematic Oral History and Memories of the Mar Grande-Salvador Crossing, meanings of experience provoking changes to historical positions in the education of men and women. Memories of tensions in the hegemonic educational logic and insurgency of another inscription on the female body, potential rupture of oppressive logics in the education of women and society.

KEYWORDS: *swimming in the open sea; education of women; gender relations;*

"MUJER PUEDE TODO!", MEMORIAS DEL NADAR CONTRA LA CORRIENTE EN MAR ABIERTO: DEPORTE, EDUCACIÓN Y RELACIONES DE GÉNERO

RESUMEN

Narrativas de una mujer en la natación en mar abierto analizando relaciones de género y determinantes sociales de la educación en los 1950. Historia oral temática y memorias de la Travesía Mar Grande-Salvador. Sentidos y significados de la experiencia y cambios a las posiciones históricas en la educación de hombres y mujeres. Tensiones en la lógica educativa hegemónica, insurgencia de otra inscripción en el cuerpo, potencial ruptura de lógicas opresivas en la educación de las mujeres y sociedad.

PALABRAS CLAVES: *natación en mar abierto; educación de las mujeres; relaciones de género;*

REFERÊNCIAS

- BAHIA, L. M. dos S. *Histórias e memórias de mulheres nadadoras: o que a Travessia Mar Grande – Salvador revela sobre a educação das mulheres em Salvador/BA*. 103 f. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, UFBA, Salvador, 2017.
- BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- CHAÚÍ, M. Os trabalhos da memória. In: BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 17-37.
- LARROSA, J. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. Revista Brasileira de Educação, n.19, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 31 jan. 2017.
- LOURO, G. L.. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- MEIHY, J. C. S. B. *Manual de história oral*. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- ROUSSO, H. A memória não é mais o que era. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). *Usos e abusos da história oral*. 4 ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001.
- VERÓN, E. *A produção de sentidos*. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, 1980.

